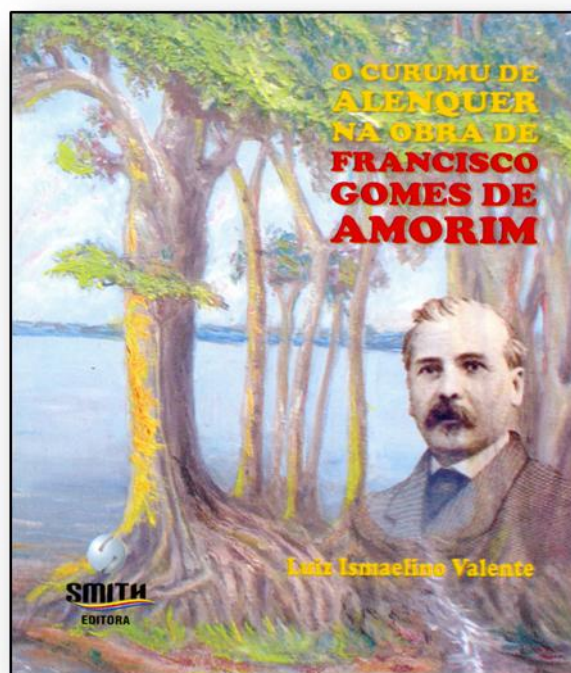


Luiz Ismaelino Valente lançará livro em Alenquer

Por deliberação dos maçons, tomada desde 2008, o alenquerense Luiz Ismaelino Valente será homenageado, no dia 11 de junho de 2010, em sessão especial da **Loja Maçônica Fraternidade Alenquerense nº 11**, pelos relevantes serviços prestados à cultura chimanga.

Cumprindo uma promessa feita a si mesmo, Ismaelino Valente aproveitará a ocasião para fazer o pré-lançamento, na Maçonaria, do seu último livro: **“O Curumu de Alenquer na Obra de Francisco Gomes de Amorim”**.



O autor surpreenderá, com certeza, a grande maioria dos alenquerenses, ao publicar esse trabalho que aborda a vida e a obra de Francisco Gomes de Amorim, um grande e renomado escritor da segunda geração do *romantismo* português, que viveu em Alenquer e immortalizou a paisagem paradisíaca do lago Curumu em seus livros na segunda metade do século XIX.

Francisco Gomes de Amorim (1827-1891) nasceu em A-Ver-O-Mar, ao Norte de Póvoa de Varzim, em Portugal. Aos 10 anos veio para Belém do Pará, onde, juntamente com seu irmão Manoel, foi “vendido” como “escravo branco” a um comerciante lusitano.

Viveu na Amazônia cerca de 10 anos. Radicou-se em Alenquer dos 13 aos 16 anos (1840-1843). Em Alenquer, as tapuias (caboclas) o chamavam de “Cauçúpára Carayba Goataçara Cuapará”, que significa “Querido branco português caminhante sabedor”.

Nas suas memórias, Gomes de Amorim registra que, em Alenquer, teve “a primeira revelação da poesia”, ao ler o poema *Camões*, do visconde de Almeida Garrett, que, surpreendentemente, encontrou “num cesto forrado com folhas da bananeira brava na casa de uma família indígena”. Nesse momento, escreveu o poeta, “nasceram as aspirações que fizeram da criança um homem!”

Em 1846, retornou a Lisboa e passou a frequentar o círculo literário de Garrett, tornando-se, em pouco tempo, um escritor prolífero e consagrado.

Mas Gomes de Amorim não esqueceu jamais a “povoaçãozinha” que o acolheu na infância, da qual sempre se lembraria “com uma doce melancolia”. A sua peça teatral **“O Cedro Vermelho”** (encenada em 1856 e editada em forma de livro em 1874) tem por cenário o lago Curumu, cuja beleza descreve com riquezas de detalhes. Em **“Cantos Matutinos”** (1858), rememora suas andanças pela “encantadora vilazinha” situada entre o rio Surubiú e o lago Curumu.

De sua vasta obra destacam-se ainda o drama “**Ódio de Raça**” (1854), os romances “**O Remorso Vivo**” e “**Os Selvagens**” (ambos de 1875 e com temática amazônica), a monumental biografia de Almeida Garrett (publicada em 4 tomos, de 1881 a 1884) e a edição crítica de “**Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões**”, que publicou pouco antes de sua morte.

Para Luiz Ismaelino Valente, a publicação de “**O Curumu de Alenquer na Obra de Francisco Gomes de Amorim**” é uma tentativa de resgatar, ainda que tardia e parcialmente, a grande dívida de gratidão que os alenquerenses têm para com o grande escritor ultramarino que entronizou, universalizou e imortalizou Alenquer e o seu belo lago na literatura mundial do século XIX.

É incrível que, decorridos exatos 167 anos desde que Gomes de Amorim deixou as águas do Surubiú e do Curumu, Alenquer ainda não tenha prestado até hoje uma justa homenagem ao grande vate português a quem tanto ficou a dever.

O livro de Ismaelino Valente, com 152 páginas, editado pela Gráfica Smith, de Belém, custou três anos de pesquisas e cinco meses de redação final, editoração e diagramação eletrônica. Nele, o autor resume a biografia e a obra de Gomes de Amorim, com destaque para “**O Cedro Vermelho**”, um drama épico e ao mesmo tempo cômico, que tem como pano de fundo o amor de **Rosa do Surubiú** pelo índio juruna **Lourenço**, de apelido **O Cedro Vermelho**, o herói da peça, e reproduz, na íntegra, um dos mais belos poemas de Amorim, o “Adeus ao Pará”.

O livro contém ainda um anexo com fotos coloridas. A capa é uma bela montagem da foto de Gomes de Amorim com a linda paisagem da “Praia da Saudade”, do Curumu, em tela de autoria da grande artista plástica alenquerense **Anita Panzuti** (nascida Ana Marques Batista), a quem Ismaelino Valente também quis prestar uma justa e merecida homenagem.

A partir do dia 12 de junho, “**O Curumu de Alenquer na Obra de Francisco Gomes de Amorim**” estará à venda na sede provisória do **MCA-MUSEU DA CIDADE DE ALENQUER** (rua Rosomiro Batista nº 445 – Centro), e em outros pontos comerciais da cidade, que ainda serão definidos e divulgados. Em agosto, a obra será provavelmente lançada para os alenquerenses radicados em Belém, em local ainda a ser escolhido.